

O PROBLEMA DA ALÉTHEIA: UMA INTERPRETAÇÃO HEIDEGGERIANA DA ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO

THE PROBLEM OF ALÉTHEIA: AN HEIDEGGERIAN INTERPRETATION OF PLATO'S ALLEGORY OF THE CAVE

Leonardo da Silva

Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó, SC, Brasil. E-mail: lhonardofilo@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.46550/amormundi.v1i3.45>

Recebido em: 02.10.2020

Aceito em: 15.12.2020

Resumo: O presente artigo investiga a interpretação heideggeriana da Alegoria da Caverna de Platão. Em primeiro momento se reconstrói os “três símiles”, a imagem do Sol e da Linha Dividida que se desdobram na Imagem da Caverna, expostas nos livros VI e VII da *Republica*, para explicitar a teoria das ideias e a formação pedagógica, a *paidéia*, apresentadas pelo filósofo grego. Em segundo, se apresenta a leitura proposta pelo filósofo alemão e a finalidade desta interpretação. Trata-se de reconstruir os “quatro estádios” da leitura de Heidegger da caverna para explicitar o problema da verdade, da *Alétheia*. O objetivo central de Heidegger é expor que a formação do homem endereçada ao mundo superior, às ideias, dá um pontapé inicial no filosofar sob a ótica da Metafísica. O modo originário que os gregos experienciavam a verdade *alétheia* se confunde com a verdade como concordância, *omoiósis*, tornando-se o primeiro passo na história do esquecimento do Ser.

Palavras-chave: Heidegger. Platão. Verdade. Alétheia. Caverna.

Abstract: *The present essay investigates the heideggerian interpretation of Plato's Allegory of the Cave. At first, the “three similes” are reconstructed, the image of the Sun and Divided Line that are unfolded in the Image of the Cave, exposed in books VI and VII of the Republic, to explain the theory of ideas and the pedagogical formation, the paidéia, presented by the greek philosopher. Next, the lecture proposed by the german philosopher and the purpose of this interpretation are presented. It's the case of reconstructing the “four stages” of Heidegger lecture of cave to explain the truth problem, the Alétheia. Heidegger's central objective is to expose that the formation of man directed to the higher world, to ideas, as the beginning of philosophizing under the Metaphysics's perspective. The originary way that the greeks experienced the alétheia truth confused with the truth as concordance, omoiósis, becoming the first step in the history of the forgetfulness of the Being.*

Keywords: Heidegger. Plato. Truth. Alétheia. Cave.

1 Introdução

Este artigo procura apresentar a leitura da “alegoria da caverna” proposta por Martin Heidegger nos anos de 1931 e 1932 durante seu curso de inverno na Universidade de Friburgo. As lições foram publicadas sob o título *Sobre a Essência da Verdade*¹ (*Von Wesen*

¹ A edição referência utilizada aqui é HEIDEGGER, Martin. *De la esencia de la verdad: sobre la parábola de la caverna y el Teeteto de Platón*. Trad. Alberto Ciria. Barcelona: Herder Editorial, 2007. As traduções são todas nossas.



Der Wahrheit). O presente trabalho dá ênfase no primeiro capítulo intitulado *Os quatro estádios do acontecimento da verdade*. Através da apresentação minuciosa de cada um dos estádios² da alegoria platônica, Heidegger procura discutir a noção de “verdade”. Para os gregos, verdade é *alétheia* (ἀλήθεια), não como adequação do pensamento ou do enunciado à coisa, como diriam os medievais por *veritas* (HEIDEGGER, 2007, p. 19), mas sim, verdade como *desocultamento*. Tudo depende de se libertar de um sentido construído historicamente de verdade que não nos diz nada sobre o modo originário de *alétheia*, desvelamento (HEIDEGGER, 2015, p. 72).

Heidegger procurou ao longo de sua trajetória discutir diversos filósofos canônicos; assim reinterpreto Kant, Aristóteles, Nietzsche, Platão entre outros. Como afirma Duarte (1995, p. 14) ao comentar o trabalho heideggeriano à Kant, não há bem uma recepção nas leituras do filósofo da Floresta Negra, mas, melhor dizendo, uma interceptação dos autores predecessores. Para Stein (2004, p. 24) a leitura de Heidegger assume uma função extremamente produtiva nos diálogos platônicos sendo lidos por ângulos muito novos.

A “alegoria da caverna” proposta por Platão no livro VII d’*A República* (514a-518b)³ é, sem dúvidas, uma das passagens mais discutidas entre a extensa produção dos diálogos platônicos. Esta imagem, apresentada por Sócrates a Glauco, trata-se de uma rica exposição de noções dentro da filosofia de Platão; nela se encontra a exposição da metafísica platônica com a célebre teoria das ideias, a discussão entre “conhecimento” e “opinião” e o próprio caráter pedagógico da filosofia platônica. Assim, para além de um simples experimento de pensamento, é uma tentativa de expor discursivamente através da imagem noções de ampla dificuldade.

A reconstrução do diálogo platônico exposto n’ *A República* permite não apenas apresentar a imagem da caverna, mas em primeiro momento discutir a hipótese das ideias e a própria construção da alegoria no contexto do diálogo. Assim, em segundo momento, é possível apontar a leitura heideggeriana para situar como a exposição da teoria das ideias e da própria “tarefa” da filosofia se desdobrou no trabalho do filósofo alemão em uma reinterpretação da experiência de *alétheia*, tão caro ao seu projeto ontológico. Em suma, não se trata de “confrontar” interpretações, mas de explicitar conceitos dialogando dentro da própria história da filosofia.

2 A Alegoria da Caverna na obra platônica

N’*A República* há um “tríplice símile” para explicar a relação mundo visível e mundo inteligível⁴. Nestas três imagens desenvolvidas nos livros VI e VII, a saber, “do Sol” (504e7-509c4), “da Linha Dividida” (509c5-511e5) e “da Caverna” (514a1-518b5) a hipótese das ideias recebe maior desenvolvimento (ROSS, 2008, p.39). As três, ainda que expostas separadamente, são “interdependentes formando um todo só da metafísica platônica”⁵.

Ao final do livro VI, são duas as exposições que ganham destaque no diálogo. Ao ser

2 Optou-se por manter a palavra estádio como está na edição espanhola. Cf. SILVA, 2017, pp. 61-62: “Usamos o termo “Estádio” não no sentido comum de campo de ginástica ou no sentido matemático de unidade de medida topográfica, mas, conforme o sentido antigo da língua portuguesa, período ou momento, portanto, como unidade de medida tanto espacial quanto temporal. “Estádio” exprime o sentido modal ou problemático dos momentos dialéticos.”

3 As referências dos textos gregos antigos não seguem o padrão ABNT, são referenciados pelas edições clássicas facilitando a busca em qualquer trabalho. Assim, todas as referências de Platão neste artigo são da obra *A República* e seguem a numeração da página, o parágrafo e a linha. A edição referência utilizada é PLATÃO. *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 15 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.

4 Cf. PLATÃO, 2017, pp. XXVII-XXVIII.

5 RAVEN, Plato’s Thought In the Making, p. 175 apud PLATÃO, 2017, p. XXVIII n73.

perguntado por Glauco sobre “o que afirmas que seja o bem”, Sócrates inicia uma apresentação sobre o mundo visível e os sentidos, ao passo que busca mostrar que as coisas múltiplas e visíveis correspondem cada à uma Ideia, única e inteligível, portanto, não visível (506b3). Mas, acima das outras Ideias únicas e inteligíveis está a Ideia do bem. O argumento consiste na “imagem do Sol” e pode-se resumir da seguinte forma:

Assim como o olho vê mais claramente quando o objeto é banhado por luz solar, a mente apreende mais claramente quando vê seus objetos sob a luz da Ideia de bem. [...] E, assim como nem a luz nem a visão são o sol, nem a verdade nem o conhecimento são o bem. O bem é algo ainda mais honrável. (ROSS, 2008, pp. 40-41)

Essa “analogia” com o Sol, tem mais que a função de demonstrar a prevalência da Ideia do Bem sobre as outras, mostra também que ela é “causa do saber e da verdade” (508e3). Ainda no livro VI, dando sequência à “Imagem do Sol” e na tentativa de não deixar escapar nada na explicação do mundo visível e inteligível, Sócrates pede a Glauco que imagine uma linha cortada ao meio e nas metades restantes corte-as novamente (510d-e). A “Imagem da Linha Dividida” tem por objetivo uma distinção entre quatro estados mentais: no inteligível, (*nooyménoy*) a “Inteligência” (*noésis*) e o “Entendimento” (*diánoia*), no visível (*horoménoy*), a “Crença” (*pístis*) e a “Imaginação” (*eikasía*). O que está em jogo no texto platônico é a tentativa de diferenciar os métodos da *noésis* e da *diánoia*, trazendo-as na investigação através da similaridade com os dois estados “inferiores” (ROSS, 2008, p. 59).

É apenas no início do livro VII que a caverna platônica aparece, dando continuidade à exposição anterior, desdobra no último símile que comporta também as apresentações anteriores. Sócrates dialoga sobre a imagem da Caverna (514a1-518b5) e a alegoria pode ser descrita da seguinte forma: alguns homens estão presos acorrentados em uma espécie de caverna desde sua infância, de modo que só podem olhar para a frente, para o fundo desta. Atrás deles há uma fogueira e mais adiante um muro, para além do muro há uma subida que leva para fora da caverna, em direção à luz do sol, ao “real”. Lá fora circulam pessoas que levam estátuas com as mais diversas figuras em suas cabeças fazendo com que as sombras das estátuas sejam expostas ao fundo da caverna. Estes homens conseguem ouvir inclusive o eco, ao fundo da caverna, das pessoas que transitam lá fora e julgam, porque ali sempre estiveram, que tanto as vozes pertencem as sombras, como também que as sombras são o que é “real”. Se algum desses indivíduos se libertasse, teria bastante dificuldade e sofreria ao andar em direção a luz. Além do mais, se fosse forçado a subir até a saída da caverna e encontrar a luz do sol, sofreria ainda mais e teria ainda maior dificuldade ao observar os objetos reais que estão lá fora. Após se habituar, contemplaria o sol e a natureza dos objetos que lá estão e sentiria estar contemplando objetos superiores ao que os seus companheiros de caverna observam.

A saída da caverna procura mostrar o movimento do mundo visível em direção ao mundo inteligível, a ascensão ao mundo superior, a ascensão na própria imagem da “linha dividida”, do que está no mero domínio das imagens (*eikónes*) às formas (*eídos*). Para Ross (2008, p.60), os estágios apresentados procuram tratar do homem submetido ou não à educação. Assim mesmo abre Sócrates ao falar sobre a *paidéia* e a *apaideusia*, sobre a educação ou sua falta (514a2). Engler (2019, p.63), por sua vez vê na alegoria a passagem da “ignorância à filosofia”, já contida em outros diálogos platônicos e acrescenta:

As modificações descritas na Alegoria da Caverna vão além de simples mudanças

de perspectiva [...] nesse movimento ocorrem modificações ontológicas efetivas, como a palavra utilizada por Platão dá a entender, porque o indivíduo desperta em si novas faculdades (*diánoia* e *noús*), altera sua relação com os prazeres e as paixões, transmuda seus valores e, em suma, é conduzido a um lugar (*tópos*) inteligível. O processo de habituação mencionado na Alegoria se refere a um paulatino acostumar-se com o uso de novas faculdades e com a percepção de objetos até então inexistentes. (ENGLER, 2019, p. 64n20)

O próprio objetivo da educação deve ser “em direção ao sol”, a Ideia do Bem. O Bem não só é o objetivo, como também a causa da sabedoria. A formação filosófica, a cultura, a verdadeira educação (*paidéia*) “consiste em despertar os dotes da alma e sua conversão para o Bem” (JAEGER, 1995, p.888-889).

3 A interpretação heideggeriana

Heidegger, obviamente, não desconhece Platão como o “criador” da hipótese das ideias, nem desconhece tais leituras da alegoria da caverna. O que está em jogo na interpretação heideggeriana é a tentativa de trazer à luz algo encoberto nos diálogos platônicos e que, foi cada vez mais sendo encoberto ao longo da história da metafísica. O processo da *paidéia* no movimento de ascensão proposto pela alegoria da caverna é o caminho filosófico, é a tentativa de colocar o problema da *alétheia*. Sob a ótica heideggeriana, houve uma necessidade na colocação da palavra *ideia* e é, desta investigação de *ideia* não pela “doutrina das ideias”, mas pela abertura de *alétheia* que mais se ocupa uma reinterpretação de Platão e conseqüentemente, da alegoria da caverna.

Quando topamos em Platão [...] com a palavra *idéa*, não devemos interpretar isso com auxílio de representações ordinárias de *ideia* e doutrina das ideias. Mas, de modo inverso, devemos sempre compreender que Platão quer dizer com a palavra *idéa* aquilo que está em relação com o mais íntimo de seu perguntar filosófico [...] Em vez de ‘esclarecer’ a partir da deserta representação de escola de uma assim chamada doutrina platônica das ideias, devemos compreender, a partir do contexto de nossa interpretação, a possibilidade e a necessidade do surgimento dessa palavra *idéa* e o surgimento, aliás, espantoso nessa etapa de nossa interpretação. Somente assim podemos encontrar para a palavra *idéa* um significado extraído a partir da coisa mesma, em vez de se trancar na *idéa* e assim dar-se decisão sobre *aletheia* e *ousia* e com isso definitivamente para a metafísica. (HEIDEGGER, 1988, p. 172-173 apud STEIN, 2004, p. 27)

A necessidade de regressar à História da Filosofia e também a Platão não tem por objetivo trazer à luz nomes e conceitos antigos, mas propiciar um impulso para saltar a frente. Retomar os antigos permite se perguntar pela experiência originária de *alétheia*, o *desocultamento* (HEIDEGGER, 2007, p. 22). O principal advento que a alegoria da caverna expressa é a possibilidade de entender o movimento do modo originário de *alétheia*, verdade como *desocultamento*, para uma verdade como adequação, como conformidade à razão (*omoíosis*).

Dividir-se-á em quatro “estádios”⁶ a passagem platônica da alegoria da caverna, de forma a manter a composição heideggeriana; o primeiro (514a2-515c3) apresenta a imagem da caverna propriamente dita, os prisioneiros acorrentados, a fogueira e as pessoas que transitam as costas dos prisioneiros produzindo sombras para estes na parede. O segundo (515c4-515e5), a

6 Cf. nota 3 deste trabalho.

libertação das amarras de um prisioneiro, forçando-o a se virar a favor da direção do fogo e dos que produzem as sombras. O terceiro (515e5-516e2), a saída da caverna para a parte aberta na luz do sol. O quarto (516e3-517a6) e último o regresso à caverna.

No primeiro estágio (HEIDEGGER, 2007, p. 32ss), os indivíduos acorrentados estão dispostos diante das sombras na caverna, mas estes homens não sabem que estão diante de sombras. Estes prisioneiros não sabem nada sobre o fogo que está atrás dele, nem sequer sobre a condição que ocupam, pois sempre estiveram assim. Para eles, seria impensável se perguntar algo sobre as sombras ou sobre o que as produz, pois sempre se viram nessa condição e só acessam o que está imediatamente a sua frente, assim sequer poderiam fazer distinções entre o oculto e o *desoculto*. O que está diante deles é o ente (*tá ónta*). Esse “estar diante de” é a situação que Platão chama *tò alethés*, diz Heidegger (2007, p. 37), a qual também não poderiam compreender como uma “situação”, pois, como mencionado, assim sempre estiveram. Em síntese, a primeira simbologia que se pode tirar é: *ser* homem, significa em meio a tantas outras coisas, comportar-se diante do oculto, estar em *desocultamento* (2007, p. 35).

No segundo estágio (HEIDEGGER, 2007, p. 40ss) acontece a transição de estar acorrentado para a liberação das amarras, dessa maneira consegue estar “mais desoculto” (*alethéstera*). Nesta diferença de “desoculto” para “mais desoculto” Heidegger argumenta que “verdade” no sentido de *alétheia* não expressa uma verdade e uma não verdade, o antes visto não era verdade e agora o é, mas sim, que “cada verdade tem o seu tempo” (2007, p. 41). O que está em jogo é o processo de acesso ao ente, existe “mais ente” e “menos ente”, a proximidade e a distância do ente modificam o ente mesmo, aponta o autor (2007, p. 42). Entretanto, Platão utiliza na sequência do diálogo a palavra *orthós*, *orthótes*, o correto, aquilo que se vê “mais corretamente”. A aparição dessa palavra aponta a verdade como correção, como concordância e, ainda que esteja diretamente relacionada com *alétheia*, a consequência é que: aquilo que é visto como “correto” ganha exclusivamente o sentido de “verdade”, encobrindo a questão do desocultamento (2007, p.42-43)

No terceiro estágio (HEIDEGGER, 2007, p.47ss) ocorre uma autêntica liberação, é a saída forçosa da caverna que irá exigir ânimo e perseverança para alcançar e ver a luz. Nos dois primeiros estádios se visualizou uma pré-compreensão da relação homem e *alétheia*, ente e desocultamento, mas o que significa essa leitura na imagem da caverna? A resposta é uma conexão entre os quatro elementos expostos na narrativa platônica: luz, ideia, liberdade e ente. Nessa passagem, no terceiro estágio, Heidegger dedica bastante esforço, pois se encontra o cerne do problema.

Quando Platão falou de ideia não estava propondo uma grande invenção, mas uma simples exposição do que se “vê e capta” quando se relaciona com o ente (2007, p.58). Ao se relacionar com um ente qualquer como cadeira, o que se vê e capta não são noções como o “verde” ou “alta”, posto que uma cadeira azul ou baixa também é cadeira. O que se diz é aquilo que a cadeira é, como ela se *presenta*⁷, vem a luz, se deixar ver como cadeira: como ela comparece.

7 Cf. BATISTA, João Bosco, 2005, p. 1: “Heidegger em *O princípio da Identidade* (1957), pensa o ser em seu sentido primordial como “presentar”. Afirma ele que o ser se apresenta ao homem, nem acidentalmente nem por exceção. Continua dizendo que ser somente é e permanece enquanto aborda o homem pelo apelo. Em seu outro trabalho *Sobre o problema do Ser* (*Zur Seinsfrage*) de 1956, o autor já havia afirmado que dizemos muito pouco do próprio ser, quando, dizendo o ser omitimos seu apresentar -se para o ser humano. Isto bem entendido quer dizer que na compreensão do ser como “presentar-se” encontra o ser do homem (*Dasein*) o seu lugar único e privilegiado de propiciar-lhe o advento enquanto apresentar. Presentar-se é sempre apresentar-se ao ser humano. O apresentar-se do ser é sempre um apelo dirigido ao ser humano, o único

A ideia, “como o qual alguma coisa comparece, como uma coisa é, é o *ser*”, *ser* cadeira. É o vislumbre do que cada ente é e como é: o *ser* ente, conclui Heidegger (2007, p. 58-59).

O filósofo grego também falou de luz e claridade na alegoria. A luz, por sua vez, é aquilo que permite ver, sua essência é “deixar passar para a vista”. Dessa mesma forma, o fundamental da ideia é “deixar passar” através do ente, ver o seu *ser* (2007, p. 63-64). A luz é o que encontra aquele que se desprende, sai da caverna e, portanto, se encontra liberto. Dirá Heidegger (2007, p. 66-67): “ver a luz significa se fazer livre”. Se a luz se conecta com o “livre” e também com a ideia, por onde se deixa ver através do ente, logo “se fazer livre” é experimentar livremente o ente como ente: entender seu *ser*. Todo o percurso do filósofo alemão objetiva uma conexão entre *ideia* e *alétheia*; o desocultamento é o autêntico experimentar o ente como ente.

Platão emprega em muitas passagens, e precisamente nas passagens decisivas para sua concepção do problema, uma expressão característica: chama as *ideias tò óntos ón*, o onticamente ente, o ente que sendo tal como um ente só pode ser sendo: o *ser*. (HEIDEGGER, 2007, p. 73)

Como já fora mencionado, a tarefa da alegoria se inicia com uma pergunta a respeito da própria *paidéia*, da formação ou educação dos homens. A isto Heidegger também não está alheio em sua interpretação. A pergunta pela formação encerra também a pergunta “quem é esse homem da caverna de Platão?” O homem que se projeta para vislumbrar o *ser*, que se projeta para vislumbrar as ideias. Este homem é o que entende a si mesmo e ao *ser* e que *existe* para compreender o *ser*, o ente que se comporta ante os entes como *alétheia*: aquele que se colocou no caminho filosófico (2007, p. 81).

Entender a alegoria da caverna significa conceber a história da essência do homem [...] mas, ao mesmo tempo, significa entender o que o esclarecimento da essência da *alétheia* significa para o conhecimento da essência do homem. (HEIDEGGER, 2007, p. 82)

O quarto e último estágio (HEIDEGGER, 2007, p. 85ss) é uma exposição bastante conclusiva do que já aparece no terceiro, diz respeito ao filósofo e a tarefa da filosofia. O filósofo é aquele que se coloca a serviço do *ser* e o filosofar propriamente deve ser orientado dessa mesma forma. O regresso à caverna daquele que se colocou nesse caminho pode ser recebido com violência e até mesmo com a morte por aqueles que lá estão, pois “o homem fora da filosofia é alguém totalmente distinto”, conclui o autor (2007, p.82).

4 Considerações finais

A leitura heideggeriana fala mais de Heidegger do que do próprio Platão. Sua radical interpretação diz bastante sobre o próprio projeto que Heidegger desenvolveu, a filosofia no caminho do *Ser*. Durante os anos 20, o filósofo alemão se debruçou bastante sobre as obras de Platão (STEIN, 2004, p. 24). Interpretou os diálogos *Fedro*, *Teeteto*, *República*, *Sofista* e *Parmênides*. As leituras são contemporâneas a Magnum Opus heideggeriana *Ser e Tempo*, publicada em 1927, não é à toa que o projeto que pergunta pela “questão do *ser* que caiu em esquecimento” inicia com uma frase do *Sofista* e a *alétheia* é recuperada e discutida. No segundo Heidegger, o modo originário de *alétheia* é bastante retomada em vários diálogos, cita-se enfaticamente dois: *A questão da técnica* (1953) e *A Origem da Obra de Arte* (1950).

ente com a capacidade de ouvi-lo, por possuir a abertura como constitutiva do seu ser-aí.”

Por fim, Heidegger vê na metafísica platônica um pontapé inicial na história do esquecimento do ser. A própria formação (*paideia*) perde o experimental originário de *alétheia* e a confusão assim gerada, parece dar espaço a uma formação do homem no mundo superior, nas ideias e na alma: a própria Filosofia se torna o vislumbre das *Ideias*. O cerne do problema da caverna é justamente a formação do filosofar sob a ótica da Metafísica. A *alétheia* enquanto desocultamento se mistura a *omoiosis*, a concordância da coisa à “razão” e, conseqüentemente, ao mais verdadeiro como correto (*orthós*). Assim, também lê Nunes a interpretação da alegoria:

[...] o Livro VII de *A república* forma o primeiro capítulo da História do ser, relativamente à qual a *phýsis* se tornaria o começo principiativo, a camada “arqueológica” profunda latente e recalçada das doutrinas filosóficas. Como História da Metafísica, História do ser desenvolve-se ia, até à fase moderna, culminando na Lógica de Hegel, através de um eixo ontoteológico, que está traçado na ciência primeira de Aristóteles – ciência da verdade como *orthótes* – em que o Estagirita responde à pergunta *tí tò ón*. (NUNES, 1986, 218-219)

Cabe mencionar que a leitura heideggeriana, ainda que bastante radical, não procura apenas explicitar conceitos, sua leitura é bastante interpretativa visando um pensamento ativo e construtor. Aqueles que olham de longe talvez possam compreender o que está “oculto” na própria história e no dito dos que pensarem antes. Aqui talvez se concentre a justificativa deste trabalho, permitir-se olhar de longe dois grandes autores.

Referências

- BASTISTA, João Bosco. A verdade do ser como *alétheia* e errância. In: **Existência e Arte - Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei** - Ano I - Número I – janeiro a dezembro de 2005
- CORAZZON, Raul. Martin Heidegger on *Aletheia* (Truth) as Unconcealment. In: **Theory and History of Ontology**. pp. 1691-1727 Disponível em < <https://www.ontology.co/> > Acesso em 23 de Fev. de 2021.
- DA SILVA, Fernando Mauricio. **A República de Platão: uma introdução à Filosofia**. 1 ed. Guarapuava: Apolodoro Virtual Edições, 2017.
- DUARTE, Irene Borges. ¿Recepción o interceptación? Reflejos de la mirada heideggeriana hacia Kant. In: **Anales del Seminario de Historia de la filosofía**. Madri, n. 12, 1995, p. 213 – 232.
- ENGLER, Maicon Reus. Aspectos periagógicos da metafísica platônica. In: **FUNDAMENTO – Revista de Pesquisa em Filosofia**, n. 18, jan-jun – 2019, pp. 56-90.
- HEIDEGGER, Martin. **De la esencia de la verdade: sobre la parábola de la caverna y el Teeteto de Platón**. Trad. Alberto Ciria. Barcelona: Herder Editorial, 2007.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

NUNES, Benedito. **Passagem para o Poético – Filosofia e Poesia em Heidegger**. São Paulo: Ática S.A., 1986

PLATÃO. **A República**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 15 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.

Plato's Doctrine of Truth. Translation Thomas Sheehan. In: Martin Heidegger. **Pathmarks**. Ed. William McNeill Cambridge, UK, and New York: Cambridge University Press, 1998, pp. 155-182.

PAREDES, María del Carmen. *Amicus Plato magis amica veritas*: Reading Heidegger in the Plato's Cave. In: **Heidegger and Plato: Toward Dialogue**. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2005. p. 108-120

ROSS, David. **A Teoria das Ideias de Platão** (Plato's Theory of Ideas). Trad. Marcus Reis. Rio de Janeiro: Editora UFRJ-IFCS, 2008

STEIN, Ernildo. Heidegger e Platão. In: **Veritas**. V. 49(n.1). Porto Alegre, 2004, p. 23-30.